

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
24 DE OUTUBRO
ANNO I. N. 13

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS
Preços: por trimestre 25000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

LITTERATURA

PAGINAS INTIMAS

(FRAGMENTOS)

A.....

O sentimento que vive eternamente á magoar-me o coração, bem podia ser partilhado por aquelles que respiram a aura da indiferença!

A religião—essa ancora sublime que prende os destinos das nações;—essa bussola amiga, que tem salvado tantas vezes a não dos imperios prestes a naufragar; ainda não pôde abafar esses sentimentos, impedindo-me o coração!

E' que as almas, quando dotadas de sentimentos, que não tropeçam no imundo lodagal da descrença, vêem no espelho magico do passado o reflexo das suas esperanças perdidas. E' por isso que a indiferença e só a indiferença poderia abafar os meus sentimentos, impedindo-me o coração!

Que importa que o mundo lastimasse a perda de um coração na flor da vida?

O sentimentalismo profundo adormeceria em meu coração de vinte annos, e eu, n'essa solidão, criada para a vida de minh'alma, respiraria uma atmosfera embalsamada de perfumes, uma atmosfera que traria em si o esquecimento do passado!

Jamais as lagrimas correriam pelas minhas faces, calcinadas pela dor, nem eu contemplaria um quadro, que se debuchava nos horisontes da minha imaginação, retractando um passado que se escoou na ampulheta do tempo, deixando-me impressas n'alma as cicatrizes da dor!

Mas á mim não me foi dado olvidar o passado, sorrir o presente, nem crer no futuro.

Semelhante a avesinha que sente se enfraquecida ao tentar o primeiro voo, porque lhe faltam as forças para sustentar-se nos ares, assim, a minha alma sentindo a morte das suas esperanças, cahiu abatida, porque não podia resistir

ao peso do soffrimento! A esperança era o elemento, que mantinha a luz da crença de minha alma, esse elemento extinguiu-se, e acabou-se a luz de meus sonhos.

—Ave, ainda implume, sendo arrancado o seu ninho pela tempestade, tentou devassar os ares e cahiu!

Quizera ter uma alma como a tua, porque então, ajoellar-me-hia ante o sublime desponar do astro do dia, e casaria as notas de minh'alma com os maviosos trinado dos passarinhos! Ah! livre do mundo e da sociedade, eu glevaria meus pensamentos até o seio de Deus, e cantaria em meu aladi- de a menia das minhas esperanças!

E' bem feliz o poeta! Se um sentimento lhe opprime o coração, na lua, que desponta atravez das montanhas, no matiz, que orna as agucenas e violetas do prado, no orvalho, que purifica as folhas crestadas polo sol do estio, elle procura banhar a sua alma, e dos primores que ornã a frente da natureza elle tece a grinalda de seus cantos!

Sim, o poeta cauta, porque a natureza fadou-o para a poesia, sem a qual os seus primores não seriam mais do que a monotonia, o tédio!

O poeta é o interprete da natureza, como as lagrimas são o interprete do sentimento.

A magica corôa que o anjo da poesia lhe deposita na fronte—é a corôa do genio. Semella, o poeta não seria mais do que a irrisão e o escarneo das turbas!

Eu quizera ter uma alma como a tua!

Esses sentimentos de que tanto te faltei, quando me era dado vazar em teu coração os segredos de minha alma, e que só são dignos d'essas almas purificadas no crysol do soffrimento, dessas almas que ainda não se petrificaram, porque a indiferença lhes fôge, como a neblina da serra varrida pelo furacão;

esses sentimentos, digo, tem sido constantemente o meu verdugo!

A par d'elles, porém, ainda não se abrigaram esses sentimentos vis e ignobéis, que são trazidos como nuvens, pelo vento arido das nossas sociedades.

—Ainda dorme em meu peito o necrotar das phantasias...

Fanando a flor da minha mocidade, elles ainda não poderam immergil-á no abysmo da indiferença, porque a indiferença é em certas condições o eden das almas soffredoras! Vê-la baixar do céu e inundar com seus reflexos os horisontes da nossa alma, é muitas vezes a melhor quadra da estação da vida! Sem ella, Chatterton revolvia-se no leito do desespero, não podendo evocar de seu cerebro uma só idéa sepultada pela fome! E o poetico captivo de João Lemos derramava uma lagrima de fogo, como se ella fosse o liquido que havia de dissolver os elos dos grilhões que lhe apertavam e enodoavam a perna! —A indiferença é o sepulchro das nossas dores!

Duas palavras e basta.

Não me creias um utopista, não!

Quando digo que desejo viver na atmosfera da indiferença, não é porque julgue ser esse o verdadeiro e santo viver, não, é porque sei que do lodo das nossas sociedades não é que ha de nascer o cadinho para purificar os nossos costumes!

Já se foi o tempo em que as Fantines purificavam as Cosettes!...

Bahia—1870.

(Do Pronunciado.)

MEMORIAL

ESPECTACULO.—Se por acaso chegar hoje o vapor que conduz S. Ex. o Sr. conselheiro Pinto Lima, presidente ultimamente nomeado para esta provincia—á associação Phenix Rio-Grandense faz subir á scena, em grande galla, o muito ap-

plaudido drama—*Milagres de N. S. da Conceição Apparecida*.

Dove notar-se, porém, que este drama sóbe á scena com todas as novas transformações que a mesma associação julgou conveniente mandar fazer, em attenção ao bom acolhimento que o publico desta cidade lhe tem dispensado.

PARA PORTO ALEGRE.—Segue hoje ás 10 horas o vapor de guerra *Fluminense*.

CAMPO DE SEDAN. — E' horrorosa a descripção q' offerece o *Times*, do campo de Sedan, após a batalha que ali se ferira entre prussianos e francezes.

E' ainda mais horroroso, o considerar-se as perdas sensiveis da nação franceza, representada' nessa desgraçada batalha pelo indomavel heroismo de seus soldados que succumbiram ao numero de um inimigo não menos ousado.

O' França, França; valorosa França! ao passo que o inimigo desfaz tuas muralhas de peitos humanos e recolhe o prazer do vencedor, tú colhees a gloria arrancada de cada coraçaõ francez que deixa de bater tombando no campo do pugna, pela santa causa da patria e pela expulsão do inimigo: recordação magnifica de tuas gloriosas tradições; exemplo bello e commovedor do que és e do que vales, tanto em vossas gloriosas victorias, como hoje em que vos assemelhaes ao funebre conviva da morte!

Eis a descripção do campo de Sedan:

Douchery, 3 de Setembro. — Nunca olhar humano viu cousa mais horrivel que os quadros da guerra em torno de Sedan. Figure-se que tendes diante de vós montes de trapas de varias cores, collados uns aos outros por pastas de sangue e cerebros esmagados, e atravessados de fragmentos de ossos humanos, corpos sem cabeça, pernas sem corpo, entranhas espalhadas por toda a parte, cadaveres estendidos em diferentes posições, crânios esmagados, carnes sem faces, troncos humanos espalhados, carnes, ossos, factos queimados juntos, como se tivessem sido passados pelo fogo, e isto em uma extenção de muitas milhas, semeados aqui e alli, sem interrupção, e não poderdes, apesar do esforço da imaginação, formar uma idea lousguinha da immensa carniceria que em realidade en vi.

Não ha pandemônio mais medonho. Mais de uma vez me succedeu encontrar dous cavallos mortos juntos, pegados um no outro, victimas ambos do mesmo caco de granada. Muitas vezes vi quatro, cinco ou seis homens com outros tantos cavallos mortos pelos projectis de uma só granada. Perto delles estavam estendidos oito soldados francezes feridos pela explosão de um obuz dirigido sobre a sua companhia. Estavam todos distendidos em circulo com os pés para o centro, e com a cabeça ou o peito espelhados por um caco de obuz.

Ao redor delles, na distancia de alguns metros, não havia nenhum outro morto. Um phenomeno curioso e inexplicavel era a cor negra dos rostos de todos estes mortos. Não se notava ainda decomposição, porque a morte datava da vespera. Outra circumstancia que me tocou era a expressão de angustia que tinha mais de um rosto. A morte causada pela bayoneta é atroz, e os q' morrem sob a acção do nro, com os olhos fixos, a boca aberta, e a lingua de fora, tem nas feições a expressão da mais viva dor.

Uma bala de espingarda ao contrario, tirando a vida subitamente não parece causar tamanho padecimento. As feições conservam a sua apparencia de serenidade, e algumas vezes vê-se o sorriso nos labios. Todavia a expressão mais commum no campo de batalha entre os mortos, não mutilados, era a de terror e de angustia inexplicavel.

Não sei se os prussianos foram mais promptos em enterrar os seus mortos, mas o numero destes não tinha comparação com os dos francezes.

POESIAS

No cemiterio.

O involuero de um anjo aqui repousa;
Alma do céo nascida entre amarguras,
Como a flor entre espinhos!

(Gonçalves Dias.)

Eis-me agora no lugubre recintheo.
Na pousada dos mortos fria e cheia
De pavor e de espanto;
Choremos, minha musa, no silencio,
P'ra que a turba feliz que agora passa
Não veja o nosso pranto.

Aqui, onde não vejo um mansoléo,
Nem túmulo soberbo, alvi-nitente,
De marmor' que reluz;
Aqui, onde só vejo tristemente
A côrda de um egyptre funerario
Sombrear uma cruz;

Aqui, onde não ha nem epitaphio,
Onde tudo descansa socogado
Em tetrica mudez;

Aqui, um anjo dorme o eterno somno;
Esta terra que rego com meu pranto
Cobre o corpo de Ignez!

Ignez! . . . palavra magica e sublime,
Que fez-me conceber na phantasia,
Um mundo de illuções! . . .
Ignez! . . . responde o echo suspirando . . .
Intentando dizer que ella repousa
Nas ethéreas mansões!

Amei-te com ardor! Tu eras linda
Como Venus—a estrella d'alvorada,—
Como a rosa em bojo!

Astro fulgente—desmaiaste cedo;
Flor mimosa—secou-te o sol ardente,
Ainda no embryão!

Morreste, pobre Ignez, como a saudade,
A profunda saudade que me punge,
Como morrer;
E minha alma fugiu da materia
Pelos vastos Empyreos, só, voando.
Co'a tua se unirá.

Só tres lustros, meu Deus, inda tão joven!
—Ave implume que cantos balhucia—
Levou-a o furacão;
Chrysalida infeliz—não teve aurora;
Flor olente—perdeu depressa a seiva;
Não teve duração!

Perdida, linda Ignez se triste venho,
A' beira de sepulchro mortuario
Meu amor prantear;
Bem sabes que te amei no meu silencio,
E por isso meu ser funde-se em lagrimas . . .
Oh! . . . deixa-me chorar!

Adeus, meu pobre sonho esvaecido,
Meus castellos de fadas e de amores,
Que o vento derribou!
Coração infeliz—torna-te em gelo:
Foste ardente volcão que um cataclysmo
Som pezar apagou!

Adeus, anjo de amor, que tão depressa
Desto mundo fugiste, e me deixastes
Envolto em luto e dôl!
Adeus, cara visão das noites minhas,
Em que me apparecias mais angusta
Que o sonho de Jacob!

Das lymphidas alturas esplendentes,
Em que gozas dos anjos as delicias,
Escuta os versos meus!
Nunca mais te verei! Minha alma em prantos
Inda exclama, depondo esta corôa:
Adeus, Ignez, adeus! . . .

Porto Alegre, 15 de Setembro de 1870.

J. D. Vieira Fernandes.

Amor?

(A' ELLA.)

Tu és a estrella celeste
Que me allumia, querida;
E's a flor que alimenta
Com seu olór minha vida.

Tu és do passado o trinado
Tético que vem me alegrar;
E's a frescura dos campos,
Que m'incita a meditar . . .

Tu és o orvalho divino
Que me banha fronto fria;
E's a nota suspirosa
Que me arrebatá—extasia!

Tu és o grato fawnio
Que me convicia a cantar;
E's a sombra protectora
Que me affastou do penar.

Tu és a creença mais bella,
Mais pura que alimento;
E's o fual glorioso
Que guia meu pensamento.

Tu és visão adorada
Que eu contemplo sonhando;
E's o encanto divino
Que feliz me vai tornando!

Tu és ideal poder
Que me tornou trovador!
E's tu, enfim, a mulher
Que me fez sentir—amor!

Porto Alegre, Outubro—1870.

C..

Esta palavra produziu um rumor sombrio entre os ouvintes.

— O *carbonarismo*, que estendia-se na França, na Italia, na Suissa e nas margens do Rhin, atravessou os Pirineos : agentes propagadores de sua doutrina affiliam á juventude sempre ávida de novidades ; e a medida que a guerra faz seus estragos, maiores são os causados por essa influencia mortifera que vem lidar como um centauro no festim dos Lapitas. Essa seita é onde se assenta a pedra da opinião que emitti : é a que contém a electricidade da nuvem, é o vulcão que prepara as materias cadentes que hão de causar a explosão. Como unicos depositarios dos conhecimentos até aqui, nos consideram como espirito reaccionario, inimigos dos modernos propagadores. E em effeito, força é que seja assim ; pois que a illustração em certos e certos seres, é igual á que consentissimos que um menino applicasse um phosphoro incendido á um deposito de pólvora. Vede aqui o principio desta luta. O *carbonarismo* deixará seus germens, como o insecto ; e então nossa existencia está ameaçada, se com a prudencia não trabalharmos nesta obra de regeneração. Força é ceder parte dos nossos privilegios tradicionais : querer conservar todos, é perdê-los, é fundi-los em uma intolerancia que senta mal á nosso caracter. O *carbonarismo* vos dará o que em outros paizes deu em chamar-se *liberdade* : a liberdade tropeçará não o divideis, com os mosteiros, e em vez de romper-se passará por cima, se nós outros não construímos os diques que a contenhão. Ah! tens a prova.

— E está seguro, perguntou o presidente, de que o *carbonarismo* existe em Hespanha?

— Ainda posso citar-vos seu grande mestre.

— O conheceis ?

— Eis o seu nome : José Bonaparte.

— O rei intruso ! exclamou a multidão, não sentindo-se por algum tempo mais que o ruído semelhante ao que produzem as abelhas ao serem inquietadas no fundo de sua colmeia.

— Sim : contemporisa publicamente com nossos costumes, para buscar uma sympathia que não encontra, e de noite semeia a sizania nos tenebrosos conciliabulos, conseguindo assim mais victorias que os exercitos de seu irmão. Fez saber que os prussianos para resimular o espirito nacional rendido nos campos de Jena, formaram uma associação mysteriosa intitulada o Tugendal, ou seja a liga da virtude, e os allemães fundaram a Burschenschaft : nestas sociedades, sob o manto do patriotismo, afa-se o punhal para ferir tudo o que é sublime, como a religião ; tudo o que é grande como as recordações. O triangulo do *carbonarismo*, é, portanto não um tósigo que envenena, senão um laço fatal que commove insensivelmente o coração. Dando solennes jogos aos gregos, estes se fiseram grandes e poderosos : os que se joguete no *carbonarismo*, podem transformar-se em armas invencíveis, se nós outros não embotarmos seus fios.

— Irmão, disse o presidente, logo é vossa opinião que ha duas guerras á sustentar ?

— Sim, a guerra material e a guerra moral. Para a primeira dei minha opinião ; para

a segunda já vos disse o unico meio de atacala e de vencela.

— E estas seguras dos resultados ?

— Illustrações mais grandes, poderio responder a isto. Mas, me atreverei a apresentar outro formidavel escolho, que existe mui visinho :

Qual é ?

— A fome exclamou o benedictino, fazendo que esta funebre palavra vibrasse nos escuras concavidades do pantheão. Sabeis, meus irmãos, o que é a fome? o que é privar a uma população do sustento necessario para supportar o peso da vida? Sabeis que é sifiar quatorze milhões de almas com o horrivel laço da necessidade ?

Acaso se me perguntará pela origem de meus temores : porém, é necessario que eu acabe de manifestar-vos meu pensamento. Vejo symptomas mui singellos na apparencia, porém mui graves no fundo : é o principio que já se manifestou da praga que nos ameaça. Este symptoma é a alta natural de todos os preços em consequencia dos males da guerra. Porém desgraçadamente esta alta irá subindo como a maré, porque ha uma ordem secreta para sequestrar todos os avieais : para tirar os grãos de circulação, transportar uns ao estrangeiro e armazennar outros para a manutenção dos exercitos invazores : destruir os semeiados, queimar as messes, e auipillar por este meio barbaro nossa bravura e valor. Eis aqui o novo escolho que se apresenta, acaso mais cruel e terrivel que os anteriores, para vencer aos que sejam fiéis, para converter-nos a uma condição mais triste que a dos ilhotas de Athinas. Então, quando essa terrivel praga se estenda entre nós, quem responderá de si mesmo ? Quem evitará que as cabeças, transformadas pela necessidade, não se deixem levar dos espiritos tentadores, para affogar nossa independencia, e affogada esta, que se levante uma cruzada contra nós, acaso mais visinha q' a q' tive a honra de apresentar-vos ? Exemplos recentes o patenteam. Não bem penetrar Napoleão em Madrid, supprimi as ordens religiosas : na actualidade andamos errantes e dispersos como os fillos de Israel : não temos santuário, não nos protege a tranquilidade de nossos claustros, e muito temo que o abutro da devastação cove-se nestes solitarios edificios que hão sido o refugio do pobre, o asylo do desditoso, o porto do descanso, o oasis da virtude. A fome, meus irmãos, é uma nova cabeça que nasce dessa hidra espantosa, que com tantos perigos nos ameaça. Sejamos, pois, prudentes, e permanecemos em nossos postos com a santa dignidade que o céu nos conceda. Adalides da caridade, derramemos sobre o povo abundantes soccorros, logo que rebente a tormenta : paiz da religião, morramos se for necessario, abraçados á uma cruz, aos pés dos altares : soldados da fé, prediquemos como Pedro o Ermitão, a guerra nacional. Porém não nos envolvamos nas batalhas senão para socorrer ao moribundo : fillos de um Deus da paz, não nos manchemos de sangue, porque desde então perderíamos nossa pureza.

Um grito de admiração e enthusiasmo respondeu a estas palavras. Todos os monges moveram-se expontaneamente, descendo das grades de seus sepulchros, e foram abraçar o

nobre ancão que, com as mãos estendidas para elles, parecia abraçar-os também.

Calma aquella agitação, e depois de oferecer sollemnemente seguir as instrucções do monge beneditino, o presidente com voz commovida, exclamou :

Terminou esta reunião, meus irmãos, e creio que todos vós levareis fixos, em vossos corações as recordações desta noite, para evitar os males que nos ameaçam. Regressae á vossos mosteiros; e secundae heroicamente os esforços que exige a patria e a defesa que devemos fazer de nossa religião. Cada um de vós inflame uma ardente fé nos espiritos debeis : evitae por meio de heroicos exemplos, que se estenda essa funesta semente que brota no escuro fundo das sociedades secretas : morrei ao lado de vossos irmãos, de fome e de fadiga, com tanto que elles sejam salvos. Ide... as benedictos do céu vos acompanhem : se de heróis da virtude, martyres da caridade e apostolos da religião.

Um silencio profundo seguiu-se á estas palavras ; os monges foram levantando-se successivamente, e como as sombras da *danza da morte*, dispersaram-se pela escada do panteão.

Pouco depois, só ficava alli, a hirta cinza de nossos reis.

CAPITULO IX.

Genaro

Tornou á cobri-se o monge beneditino com a capa e o chapéo que deixou no confisionario, e depois de atravessar as escuras galerias, encontrou-se de novo na extensa horta do mosteiro.

Ainda era noite, e a chuva era cada vez mais violenta, contudo foi-lhe facil encontrar a portinha que lhe dera entrada e ainda mais facil tropeçar com a da sua carruagem.

Uma vez dentro d'ella, o conductor sem esperar ordem de nenhum genero agitou os flancos das mulas com o rapido estallar do látigo, e estas partiram á escape pelo caminho de Madrid.

Precisando nós, seguir ao mysterioso beneditino, o qual está destinado á representar um grande papel em nossa obra, pouparemos á nossos leitores a fadiga do caminho e os collocaremos á porta de *Fuencarral*, ás 6 da manhã, hora precisamente que o coche tornava a entrar na capital. Desde este ponto, lhes encargamos que nos sigam por entre o sujo pavimento das tortuosas ruas que conduzem á longínqua praça dos Affitos ; pois é na parte mais retirada d'este sitio onde, a semelhança de Christovão Colombo, encontrarão o termo de sua viagem.

As manhãs de Dezembro são em Madrid estremadamente frias. A chuva havia-se condensado e uma neve espessa encubria as ruas, as casas e o espaço. A luz do dia fazia supremos esforços para penetrar atravez d'aquelles vapores ; porém só uma escassa claridade era o unico que principiava a branquear tão espessa cerração.

As ruas estavam desertas : faltava aos mercados sua primeira animação, que tem alguma cousa de semelhante aos primeiros e

fugazes cantos das aves quando saúdam a aurora : todas as portas estavam fechadas, e só o coche que conduzia ao beneditino, produzia um surdo rumor que se perdia ou dilatava no fundo daquellas mesmas ruas, que pareciam envoltas nos pannos de uma mortalha.

Ultimamente, o coche deteve-se, como já indicamos, á porta de uma casa de humilde apparencia, na praça dos Affitos.

O beneditino, desceu tranquillamente, abriu a porta, passou por ella, tornou a fechar-a, e o coche afastou-se d'aquelle sitio com toda a rapidez.

Uma mulher, como de quarenta e quatro á quarenta e seis annos, sahii com uma luz na mão, tirou-lhe a capa e o chapéo, e o precedeo por umas escadas que conduzião ao andar superior.

Atravessaram primeiramente uma sala bastante reduzida, logo uma outra de maiores proporções, adornada com modestia, e penetraram em um gabinete, o qual mereceo chamar nossa attenção.

Uma grande cadeira de vaqueta,, adornada com taxas de bronze, achava-se collocada diante de uma mesa. Esta mesa que teria 3 varas de cumprimento por uma e meia de largura, continha em sem numero de effeitos heterogeneos, porém que cada um de per si era o symbolo de uma sciencia ou de uma faculdade. Duas grandes espheras, um *higrometro*, representando um frade que cobre a cabeça com o capuz : moedas antigas, planchas de chumbo, cobre e prata, com inscripções ; pedras archeologicas, plantas, fuzis, esqueletos de animaes, outros dissecados em attitudes convenientes ; multidão de instrumentos de phisica e de mathematicas ; magia, cartas maritimas, desenho de diversas machinas e outra grande porção de objectos, cada qual mais util e mais curioso, viam-se n'aquella mesa.

Dois grandes estantes povoados de volumes de todos os tamanhos, cubriam as paredes ; e sobre estas, viam-se os retratos de alguns sabios hespanhões.

Sentou-se o beneditino na cadeira, quando já penetrava pelas janellas o primeiro raio do dia, e deixou cair para traz o largo e escuro capuz de seu habito.

Sobre elle descollava sua formosa e intelligente cabeça, coronada de brancos cabellos. Em seu rosto via-se a austeridade de uma vida consagrada ao estudo e á meditação ; seu nariz e sua boca eram de uma regularidade perfeita, se bem na primeira se notava um gesto habitual, alguma coisa parecida ao desdenho. Resplandeciam sob espessas sobrecellas e na profunda concavidade da orbita, dois olhos negros, vivos e penetrantes, ávidos sempre de saber de investigar, dando animação a marmoreas pallidez de sua cutis, saliendo na fronte por duas fundas e verticantes arrugas.

Tal era a sublime cabeça d'aquelle ancão, cuja intelligencia joven e vigorosa parecia coral-o de vivo resplandor.

Como se a fadiga não o rendesse, olhou para a mulher que o havia precedido e perguntou :

— E Genaro ?
— Ainda não veio, respondeu a mulher.
O monge longe de tornar a perguntar dis-